

**Universidade Estadual Paulista ‘Júlio Mesquita Filho’
Faculdade de Ciências e Letras
Campus Araraquara**

MARIA CLARA ROMANINI ALVES

**MANCHETES DE CRIMES MISÓGINOS NA MÍDIA
DIGITAL BRASILEIRA**



**ARARAQUARA - S.P
2021**

Maria Clara Romanini Alves

**MANCHETES DE CRIMES MISÓGINOS
NA MÍDIA DIGITAL BRASILEIRA**

Monografia, apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, como requisito para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Profa. Dra. Marina
Célia Mendonça

Araraquara - S.P
2021

A474m Alves, Maria Clara Romanini
 Manchetes de crimes misóginos na mídia digital
 brasileira / Maria Clara Romanini Alves. -- Araraquara,
 2021
 43 p. : fotos

 Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Letras) -
 Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de
 Ciências e Letras, Araraquara
 Orientadora: Marina Célia Mendonça

 1. Análise do discurso. 2. Mídia digital. 3. Misoginia. I.
 Título.

MARIA CLARA ROMANINI ALVES

**MANCHETES DE CRIMES MISÓGINOS NA MÍDIA DIGITAL
BRASILEIRA**

Monografia, apresentada ao curso
de Letras da Universidade
Estadual Paulista ‘Júlio de
Mesquita Filho’, como requisito
para a obtenção do título de
Bacharel.

Araraquara, 21 de março de 2021

Membros Componentes da Banca Examinadora:

Profa. Dra. Marina Célia Mendonça

Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’

Profa. Marina Totina de Almeida Lara

Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’

Profa. Gabriella Cristina Vaz Camargo

Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’

AGRADECIMENTOS

À minha família, por sempre acreditar em mim e nunca hesitar em me oferecer o suporte necessário para seguir meus sonhos.

Às amigadas que fiz durante a graduação, pois me fortaleceram em momentos que quis desistir.

Ao Centro Acadêmico de Cultura e Estudos em Letras “Paulo Leminski” (CACEL), pelo apoio que sempre recebi das gestões que por ali passaram, e em especial, Gestão Religare, por ter me acolhido em tempos difíceis e me mostrado um exemplo de organização e administração de responsabilidades.

Ao Movimento Popular da Juventude do Partido dos Trabalhadores (PT), e principalmente, ao grupo de mulheres que constroem esse movimento político, por terem me empoderado e me mostrado que o caminho mais fácil é não se calar.

À minha orientadora, Profa. Dra. Marina Célia Mendonça, por toda paciência, apoio, sensibilidade e sabedoria ao orientar esse trabalho e por abrir meus horizontes com oportunidades valiosas como ser bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) durante a graduação e ingressar no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp-Araraquara.

“Um diálogo sempre significa se expor ao desconhecido: é como ser refém do destino.”

Zygmunt Bauman (2008, p.27)

RESUMO

O Brasil é o quinto país que mais comete assassinato de mulheres no mundo segundo o mapa da violência de 2015 organizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO). No início de 2019 ocorreram 100 casos de feminicídio (METRÓPOLES, 2019), fato que comprova a persistência de um grave problema social. Ademais, considerando-se a perspectiva de que vivemos em uma sociedade dominada e explorada pelo patriarcado, cujo projeto é se manter nesse local de poder (SAFFIOTI, 2001), apreende-se a seriedade da questão. Diante disso, este trabalho entende a pertinência em compreender essa problemática a partir da dimensão discursiva, dando enfoque às manchetes que foram publicadas na mídia digital brasileira referentes a crimes misóginos. A partir das contribuições conceituais do Círculo de Bakhtin acerca das avaliações axiológicas que constituem os enunciados, e portanto apresentam valores ideológicos sobre a figura da mulher, pretende-se analisar o discurso misógino presente em manchetes. A metodologia escolhida para essa pesquisa qualitativa foi a de análise interpretativa e dialógica, na qual o cotejo foi usado para viabilizar uma reflexão em relação à ideologia refratada nas manchetes. Para a seleção do corpus, os fatores considerados foram o tema das manchetes, o contexto sócio-histórico em que foram publicadas e os elementos visuais que acompanhavam o enunciado verbal. Os resultados indicam que em todas mídias digitais pesquisadas, os valores ideológicos presentes nas manchetes advém da ideologia patriarcal, que através da escolha de palavras e exposição da imagem das vítimas, direcionam a leitura dos usuários para determinados valores ideológicos.

Palavras-chave: Análise do discurso, Mídia digital, Misoginia.

ABSTRACT

Brazil is the fifth country that most commits murders of women in the world according to the 2015 map of violence organized by the Latin American Faculty of Social Sciences (FLACSO). At the beginning of 2019 there were 100 cases of femicide (METRÓPOLES, 2019), a fact that proves the persistence of a serious social problem. Furthermore, considering the perspective that we live in a society dominated and exploited by patriarchy, whose project is to remain in that place of power (SAFFIOTI, 2001), the seriousness of the issue is apprehended. Therefore, this work understands the pertinence in understanding this problem from the discursive dimension, focusing on the headlines that were published in the Brazilian digital media regarding misogynist crimes. Based on the conceptual contributions of the Bakhtin Circle about the axiological assessments that constitute the statements, and therefore present ideological values about the figure of the woman, we intend to analyze the misogynistic speech present in headlines. The methodology chosen for this qualitative research was the interpretative and dialogical analysis, in which the collation was used to enable a reflection in relation to the ideology refracted in the headlines. For the selection of the corpus, the factors considered were the theme of the headlines, the socio-historical context in which they were published and the visual elements that accompanied the verbal statement. The results indicate that in all researched digital media, the ideological values present in the headlines come from the patriarchal ideology, which through the choice of words and exposure of the victims' image, directs the users' reading towards certain ideological values.

Key-words: Speech analysis, Digital Media, Misogyny.

Lista de figuras

Figura 1 - Manchete sobre o caso de Isabela Miranda	20
Figura 2 - Manchete publicada no site Huffpost Brasil	24
Figura 3 - Manchete publicada no site Mídia Ninja	25
Figura 4 - Manchete sobre o caso de Isabela Miranda	26
Figura 5 - Imagem de Isabela Miranda abaixo da manchete	28
Figura 6 - Manchete sobre o caso de Elaine Caparroz	31
Figura 7 - Manchete sobre o caso de Elaine Caparroz	34
Figura 8 - Capa da Istoé	37

SUMÁRIO

Introdução	9
1.O Círculo de Bakhtin	14
2.Análise das manchetes de crimes misóginos na mídia digital brasileira	19
2.1 Análise das manchetes sobre o caso de Isabela Miranda	19
2.2 Análise das manchetes sobre o caso de Elaine Caparroz	31
Conclusão	38
Referências	39

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um problema social que perdura há muitas décadas na sociedade brasileira e, embora existam alguns avanços na democratização de direitos, ainda há muitos enfrentamentos a serem feitos. A Lei Maria da Penha (lei 11.340), instituída em 2006, foi um marco para o direito da mulher na sociedade brasileira, já que a lei não se reduz simplesmente ao código penal, sendo também uma política afirmativa que prevê para além da punição de um crime, a erradicação da violência da mulher através de planos de ensino em escolas, reabilitação de agressores e criação de varas especializadas. Essa lei também levou ao conhecimento da sociedade a história de Maria da Penha, uma mulher vítima de agressões severas de seu ex-marido, que a deixou paraplégica e a impunidade sobre o caso causou revolta e ocasionou a denúncia. A quebra de silêncio da Maria da Penha significou um grande avanço para o direito da mulher e colocou no horizonte de muitas mulheres a possibilidade de mudança da realidade através da reivindicação de direitos.

Em 2018 foi sancionada a Lei Lola (lei 13.642/18), que atribui à polícia federal o dever de investigar crimes cibernéticos de misoginia. Essa lei surgiu, após a blogueira Lola Aronovich receber diversas ameaças em seu blog feminista “Escreva Lola Escreva” e não conseguir uma reparação mesmo depois de realizar denúncia na delegacia da mulher de Fortaleza (DESAFIO..., 2018). Este é mais um exemplo de avanço para a legislação brasileira, que deve garantir os direitos da mulher e compreender as especificidades do momento em que vivemos, no qual a opressão ocorre no cotidiano, em locais de trabalho, em espaços domésticos e também nos espaços de interação propiciados pela Internet.

Além da seguridade que a lei deve oferecer para as mulheres, há os movimentos de resistência contra o machismo, que cumprem o papel de lutar pela manutenção da justiça para o gênero feminino. Como exemplo desse papel, temos o importante curso de Promotoras Legais Populares, projeto que se iniciou no Chile e chegou ao Brasil em 1992 através de um seminário e atualmente está presente em toda América Latina, trazendo a proposta de levar informações legais para mulheres para que posteriormente elas possam atuar como lideranças comunitárias auxiliando no acesso à justiça e serviços que devem ser acionados caso ocorra violação de direitos. Esse curso é realizado em diversas cidades brasileiras, inclusive em Araraquara, onde é

administrado pelo Coletivo Benu em parceria com a Defensoria Pública do Estado de São Paulo, Coordenadoria de Políticas para as Mulheres e Centro de Referência da Mulher de Araraquara. Através de encontros que ocorrem uma vez por semana, as aulas fundamentam-se na educação popular feminista em direitos, na perspectiva de raça, classe e gênero.

Uma formação como essa representa uma cisão nos ciclos de violência contra a mulher, que através do conhecimento de seus direitos, cria uma consciência crítica a respeito da legislação existente e dos mecanismos disponíveis para serem aplicados de maneira efetiva.

Entretanto, com as estatísticas de feminicídio obtidas atualmente, é perceptível que a problemática existente em nossa sociedade ainda é algo alarmante. O Brasil é o quinto país que mais comete assassinato de mulheres no mundo segundo o mapa da violência de 2015 organizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) e entre 2003 e 2013 o número de feminicídios aumentou de 3.937 para 4.762 mortes. A existência de números tão gritantes nos coloca diante de uma problemática que direciona nosso objetivo para a análise de manchetes sobre crimes misóginos que se encontram na mídia digital brasileira, no desenvolvimento de uma pesquisa sobre qual ideologia está sendo refratada e quais valores ideológicos estão presentes nesses enunciados.

Segundo Mikhail Bakhtin (1997), “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.” (BAKHTIN, 1997, p.282) Nesse sentido, a mídia digital brasileira constrói seus sentidos através de acontecimentos cotidianos que motivam seus enunciados, todavia cabe analisar quais são os significados produzidos na leitura das manchetes, que são o texto que encabeça notícias e portanto possuem a necessidade de ter um apelo chamativo ao público para atrair leitores.

Para a seleção do *corpus* deste trabalho, foram escolhidas manchetes cujo tema, o contexto em que foram publicadas, e os elementos visuais que as acompanham demonstram uma mesma estratégia de exposição e espetacularização dos casos noticiados.

Assim foram selecionadas duas manchetes sobre o caso de Isabella Miranda, assassinato que repercutiu abundantemente nas mídias digitais, e duas manchetes sobre o caso de Elaine Caparroz, que sobreviveu à tentativa de assassinato e também teve uma grande repercussão, ambas publicadas em março de 2019 nas seguintes mídias digitais: Blasting News, VEJA, Folha de São Paulo e Isto é, respectivamente. A escolha por diferentes fontes partiu do interesse em

verificar se os valores encontrados nas manchetes iriam ter semelhanças ou diferenças, e se a escolhas de palavras, conjuntamente a outras escolhas, como a seleção de elementos visuais dispostos na página, por exemplo, modificam o curso das possibilidades de leitura dos usuários.

Por conseguinte, a fim de contribuir com a análise desenvolvida, constatamos que seria necessário incluir em nosso *corpus* as imagens que acompanham essas manchetes que se localizam logo abaixo do enunciado, pois essa composição de página é um elemento característico da mídia digital e amplia as possibilidades de que a manchete seja lida em conjunto com a imagem. Isso nos indica que dessa leitura conjunta há o surgimento de possíveis interpretações, além de revelar determinados valores ideológicos sobre a mulher. Nessa lógica, o subtítulo da manchete também não poderia ser descartado, já que sua função é completar a manchete e direcionar seu sentido.

Dessa forma, a pesquisa é qualitativa, pois essa metodologia possui uma perspectiva voltada para a interpretação, já que se volta para dados simbólicos inseridos em um contexto (NEVES, 1996). Esses dados simbólicos, no caso, as manchetes escolhidas (acompanhadas de subtítulos e fotos), tiveram grande repercussão e relevância dentro do contexto da mídia digital daquele momento, o que nos fez chegar ao *corpus* da pesquisa. A análise é interpretativa e dialógica e utiliza a metodologia de cotejo para viabilizar uma compreensão responsiva, definindo assim diálogo entre os enunciados analisados e outros enunciados selecionados, que estabelecem uma relação pertinente para o cotejo. O suporte de leitura das manchetes foi o computador, mas cabe mencionar que o acesso às manchetes pelo celular não modifica a disposição dos elementos verbais e visuais no *layout* da página.

Entendemos o cotejo como uma metodologia que possibilita a análise do discurso sem retirá-lo do contexto e admitindo que um enunciado nunca está isolado, ao contrário, está sempre direcionado a outro enunciado, dialogando com discursos que já existem ou que podem passar a existir. Segundo Geraldi (2012):

Dar contextos a um texto é cotejá-lo com outros textos, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem. (p.33)

Realizando o cotejo entre as manchetes analisadas e duas outras manchetes que foram publicadas no mesmo período, podemos, além de recuperar o contexto em que esses enunciados estão inseridos, observar os sentidos e valores que emergem entre eles. Uma metodologia como essa propicia também a abordagem adequada para um objeto que requer uma análise profunda.

Para suporte teórico são utilizados os estudos do Círculo de Bakhtin (precisamente M. Bakhtin e Volochínov) e autores que escreveram sobre suas produções (BRAIT, 2005, 2009 2010; GERALDI, 2012; GRILLO, 2012; MELO, ROJO, 2017;). Essas obras trazem contribuições importantes para esse trabalho, como reflexões sobre os conceitos de enunciado concreto, verbo-visualidade, diálogo, ideologia, esfera e arquitetônica. A concepção de linguagem que aqui é utilizada propõe um entendimento do enunciado não somente na sua dimensão linguística, mas também entendendo ao que se escreve e publica como um enunciado com um projeto de dizer que se orienta para um destinatário. Nessa concepção, amplamente trabalhada pelo Círculo de Bakhtin, há também uma abordagem mais próxima do marxismo. Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006), em que a versão utilizada neste trabalho tem autoria atribuída a Bakhtin, embora atualmente, diante de pesquisas, foi revelado que esta obra é de autoria de Volochínov, é possível ver a conceituação de ideologia a partir de uma perspectiva marxista que visa incluir a linguagem dentro dos problemas dessa teoria. O autor propõe assim uma abordagem distinta das linhas teóricas da psicologia voltadas para aspectos biológicos, que consideram fenômenos da consciência humana como semelhantes aos fenômenos fisiológicos. Longe de exaurir a extensa discussão existente em relação às diferentes concepções da consciência humana, e portanto, qual seria o papel da linguagem nesse âmbito, devemos apenas elucidar que a concepção adotada por Volochínov consiste em compreender a consciência humana como ideológica, o que nos indica que cada ser é seu centro axiológico. Assim sendo, cada discurso enunciado irá trazer em si acentos ideológicos.

Preliminarmente, portanto, separando os fenômenos ideológicos da consciência individual, nós os ligamos às condições e às formas da comunicação social. A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos. (BAKHTIN, 2006, p.34)

Depreende-se, portanto, que a ideologia para Volochínov compõe a comunicação social, e assim sendo, o signo não poderia somente refletir, já que cada indivíduo, inserido na sociedade,

materializa o discurso através da linguagem e de acordo com sua intenção. Da mesma maneira, entendemos que as manchetes que são alvos de nossa análise apresentam avaliações axiológicas acerca da mulher e assim sendo, compreendemos como necessário estudar esse discurso existente em manchetes das mídias digitais brasileiras, sem excluir da análise as problemáticas sociais relacionadas à questão da violência de gênero.

1.O Círculo de Bakhtin

O Círculo de Bakhtin é um grupo de autores que se reuniu na Rússia a partir de 1918. O grupo, composto por Mikhail Bakhtin (1895-1975); Valentin N. Volochínov (1895-1936); Pável N. Medviédev (1891-1938); Matvei I Kagan (1889-1937); Lev V. Pumpiánski (1891-1940); Ivan I. Sollertínski (1902-1944); M. Iúdina (1899-1970); K. Váguinov (1899-1934) dedicou-se a desenvolver estudos sobre a linguagem sem isolá-la da realidade onde está inserida, contribuindo assim para uma concepção de linguagem que concebe a comunicação cotidiana e a literatura como formas vinculadas a valores sociais, compostas por enunciados concretos que por sua vez estão organizados dentro de um gênero. O conceito de gênero enquanto elemento emergente da totalidade do enunciado foi uma importante contribuição do círculo para os estudos linguísticos, mas não somente à área da Linguística, sendo um dos conceitos bakhtinianos responsáveis por debates importantes nas áreas da comunicação, da arte, da filosofia, entre outros campos do conhecimento. O próprio inacabamento da teoria bakhtiniana, no sentido de que o círculo não buscou exaurir uma filosofia da linguagem ou um método formal, mas sim demarcar bases para orientar um pensamento filosófico e sociológico capaz de compreender a linguagem sem excluir a ordem social, permite um uso interdisciplinar destes estudos.

Nesse sentido, os estudos do Círculo de Bakhtin buscavam entender o signo linguístico em um contexto amplo, compreendendo a relação da linguagem com a sociedade. Assim, o sujeito nessa concepção linguística é compreendido não em sua individualidade, mas como um ser que existe dentro de uma dinâmica social e se orienta por diversas ideologias, de acordo com sua compreensão do real. Segundo Volochínov (2006) , “a consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos”(p.34). demarcando assim a abordagem utilizada para iniciar um estudo sobre as problemáticas de uma filosofia da linguagem que se detenha a compreender o signo linguístico como algo que refrata por meio das ideologias, valores existentes em nossa realidade a partir da enunciação.

Dessa forma, os conceitos aqui mobilizados e originados nessa linha teórica se dedicam a explicar os paradigmas linguísticos incluindo em sua teoria o meio social, os indivíduos

socialmente organizados e orientados ideologicamente, e o conflito de classes que rege a superestrutura. A palavra, neste trabalho, é compreendida em sua realização, isto é,

Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de decodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica. Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 66).

Assim, a metáfora da arena é um exemplo da relação da ideologia com as palavras, que por meio das ideologias refratam valores sociais de acordo com a intenção de quem enuncia, já que a palavra em si possui neutralidade ideológica e só preencherá uma função quando inserida em um projeto de dizer. É justamente esse conceito de refração ideológica de uma realidade, no caso deste trabalho, uma realidade misógina, que interessa para nossa análise e que é um conceito importante para compreender quais valores estão sendo retratados quando a manchete anuncia um crime de violência contra a mulher. Nesse sentido,

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.96) .

Depreende-se, então, que o conceito de ideologia está diretamente ligado a como as manchetes analisadas estão preenchendo uma função dentro do campo jornalístico, como enunciados concretos que circulam na esfera da mídia digital, pois as refrações ideológicas são produtos da vida e da sua comunicação cotidiana, bem como dos gêneros secundários, como a literatura ou o discurso científico, por exemplo. Portanto, para além do conceito de ideologia e da refração ideológica nas palavras, os conceitos de arquitetura, de esfera, de enunciado concreto e o aspecto da verbo-visualidade também integram nossa discussão uma vez que esses elementos não se dissociam entre si, mas em conjunto compõem o projeto discursivo das manchetes que analisamos.

Nesse sentido, nos voltamos para o começo da produção filosófica de Bakhtin, em “Questões de literatura e estética” (1988), obra na qual o autor propõe uma análise para

enunciados do campo literário, sem separá-lo da cultura, compreendendo a forma arquitetônica como definidora da forma composicional. No exemplo do autor, referente à literatura, ele diz:

A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional, assim a forma da tragédia (forma do acontecimento, em parte, do personagem - o caráter trágico), escolhe a forma composicional adequada - a dramática (BAKHTIN, 1988, p.25).

Ainda que o texto se refira às questões da literatura, a noção de arquitetura é relevante para esta pesquisa, pois compreende o mundo em sua unidade, sendo os campos da atividade humana indissociáveis. Mobilizando esse conceito para nossa análise, entendemos como necessário não segmentar o texto da sua esfera de produção, circulação e recepção, pois se assim fizéssemos estaríamos descartando o contexto e a relação dialógica que ele constrói. Em linhas gerais, podemos pensar que fundamentar nossa análise com esse conceito é uma forma de vislumbrar o enunciado para além da dimensão textual, incluindo nesse movimento de interpretação um conjunto de elementos que também compõem os sentidos das manchetes, como por exemplo, a esfera na qual o enunciado se insere.

Dessa forma, partindo do princípio de que a esfera/campo, aqui entendidos como conceitos que expressam a mesma noção, é:

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.31).

Evidencia-se então, que pelo caráter orientador e refrator para a realidade que o campo da atividade humana apresenta, é necessário compreender esse local na qual as manchetes circulam, no caso, na mídia digital. Segundo Ribas (2006):

O simples acesso a uma notícia gera um registro no banco de dados útil a um controle por parte do produtor sobre o tipo de informação mais acessada pelos usuários (MOHERDAUI, 2005). Neste sentido, e em concordância com Elias Machado (2004b), as bases de dados, além de redefinirem o conceito de narrativa no ciberespaço, mudam o conceito de leitor das narrativas tradicionais, que no ambiente digital e interativo passa a usuário, ou teleator (MANOVICH, 2001:161).

Nesse sentido, entende-se que o leitor do texto na mídia digital é também um usuário e recebe o texto de forma distinta, já que esse ambiente virtual apresenta uma dinâmica diferente que possibilita maior interatividade com os conteúdos consumidos nesse espaço.

Considerando isso, a manchete possui um importante papel para a mídia digital, já que intitula a notícia e deve convencer o leitor a interagir e causar engajamento. Em alguns canais de notícia digitais, podemos ver isso de forma mais explícita, pois o surgimento de novas mídias digitais acompanhou a lógica do algoritmo das redes sociais. É o exemplo do *site* de notícias *Blasting News*, local onde foi publicada a primeira manchete aqui analisada, que se utiliza do jornalismo social e se organiza de maneira semelhante a uma rede social.

Ainda sobre a esfera jornalística,

Na esfera jornalística, por exemplo, o projeto discursivo é constitutivamente verbo-visual, ainda que se considere apenas o jornalismo impresso. Essa marca identitária pode ser constatada na abundância de desenhos, ilustrações, gráficos e infográficos, cujas presenças implicam textos verbais com os quais a dimensão visual está geneticamente articulada, e, também, na forma singular de disposição das matérias numa página, num determinado caderno. O diálogo entre diferentes textos constrói sentidos por meio das especificidades da dimensão verbo-visual (BRAIT, 2009, p.143).

Mesmo se referindo ao jornalismo impresso, é evidente que as imagens representam uma grande importância para as mídias digitais. A imagem constrói dialogicamente sentidos em conjunto com o texto, já que a leitura não separa essas duas dimensões. Dessa forma, vemos que aqui o conceito de esfera se conecta com o aspecto da verbo-visualidade, pois as manchetes analisadas foram compreendidas considerando a esfera em que se inserem e sendo essa esfera a esfera jornalística, é necessário entender a unidade dos elementos verbais e visuais que se encontram na circulação social. Evidencia-se, assim, que a imagem (em nosso trabalho, por meio de fotos) compõe discursivamente a esfera onde se inserem as manchetes, localizando-se espacialmente próxima ao enunciado verbal, o que colabora tanto para o efeito chamativo, como também sugere ao leitor uma possibilidade de compreensão, o que dependerá não somente do enunciado, mas da individualidade do sujeito que o lê.

Em sequência, abordamos o conceito de enunciado concreto. Segundo Bakhtin (2003, p.293):

A indeterminação e a confusão terminológicas acerca de um ponto metodológico tão central no pensamento linguístico resultam de um menosprezo total pelo que é a unidade real da comunicação verbal: o enunciado. A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. Quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns, e, acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas.

Essa abordagem metodológica constitui uma concepção que inclui o sujeito na linguagem, demonstrando que o enunciado é uma forma concreta pois sua existência se materializa na realidade, através da enunciação. Portanto, o indivíduo irá enunciar a partir de suas avaliações axiológicas que irão aparecer refratadas no enunciado e o enunciado assume as intenções do indivíduo que fala, orientando ao exterior, à esfera da atividade humana à qual ele pertence e às palavras do outro, o que nos remetem ao seu caráter dialógico. Esse dialogismo é necessariamente a produção do enunciado que se estabelece em relação a outros enunciados, o que indica que a comunicação se dá por uma cadeia de enunciados. Há de se falar para alguém, escrever para alguém, e esse alguém, ideal (no caso de um texto no qual o escritor idealiza seu leitor sem saber quem de fato irá receber seu texto) ou real (no caso de uma conversa entre duas pessoas face a face) irá responder, seja essa resposta no formato do sentimento de revolta com a manchete de uma notícia ou a resposta imediata em uma conversa cotidiana. Isso nos coloca diante do fato que o indivíduo está em uma constante atividade responsiva em relação aos signos linguísticos que estão postos a ele, seja por um interlocutor imediato ou não.

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. A compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela compreensão responsiva ativa e que se materializa no ato real da resposta fônica subsequente (BAKHTIN, 2003, p.290).

Tomando o enunciado por essa definição, nossa análise compreende as manchetes como enunciados concretos, que materializam valores próprios da mídia digital que as publicou, possuindo assim uma orientação ideológica que contém uma compreensão própria da realidade. Partindo desse ponto, buscamos verificar também quais respostas surgiram

diante de determinadas manchetes que por polemizar nas escolhas linguísticas feitas ganharam grande repercussão. E, sobretudo, que valores sociais se refratam nesses enunciados presentes nessas mídias digitais, capazes de provocar resposta de outras mídias digitais, com concepções ideológicas distintas.

Em seguida, damos início à nossa análise.

2. Análise das manchetes de crimes misóginos na mídia digital brasileira

2.1 Análise das manchetes sobre o caso de Isabela Miranda

Antes de desenvolver o capítulo sobre duas manchetes encontradas na mídia digital brasileira, temos que definir o que entendemos como mídia digital. Segundo Pernisa,

Mídia digital é um termo que busca a pluralidade, a idéia do múltiplo, todo o tempo. O plural não está, é bom que se ressalte, apenas no termo, mas aparece também na concepção de um espaço dentro do universo da mídia, em que texto, som e imagem podem aparecer juntos a qualquer momento. Isso é importante para entender a proposta do que aqui está sendo exposto. Uma mídia plural indica uma linguagem plural, o que seria o mesmo que dizer várias linguagens. Como a mídia digital vai trabalhar com esta multiplicidade, busca-se entendê-la como geradora de linguagens, já que um meio acaba criando sua própria linguagem, como se pode ver no cinema, por exemplo (PERNISA, 2002, p.176).

De acordo com essa percepção, a mídia digital se utiliza de pluralidade comunicacional para levar sua informação, colocando o texto verbal em conjunto com a imagem e vídeo, o que resulta em um meio com uma linguagem híbrida. Isso confirma para nós a necessidade de olharmos para as imagens que acompanham as manchetes, pois assim nossa análise será adequada para a linguagem com a qual estamos lidando. Deixamos o vídeo de lado pela complexidade que a análise desses enunciados demanda, o que extrapola a extensão desta pesquisa.

Para iniciar nossa análise, começamos pela manchete referente ao caso de Isabela Miranda, jovem assassinada pelo namorado após ter sofrido abuso sexual de seu cunhado. No contexto do acontecimento, grande parte dos canais de notícia publicou sobre o caso de Isabela, gerando diversas discussões e indignação nas redes sociais. No início do ano de 2019, 100 casos de feminicídio foram registrados (MAIS..., 2019), sendo esse também um fator que aumentou a projeção de vários casos, entre eles, o de Isabela Miranda. Naquele momento, que ocorreu um

dia antes do dia da mulher e que foi acompanhado por outros tantos crimes de ódio, o tema do feminicídio ocupou lugar nos espaços de debate da cibercultura (a exemplo das redes sociais e os comentários em mídias sociais que por vezes se tornam fóruns de debate).

Figura 1 - Manchete sobre o caso de Isabela Miranda



Fonte: <https://br.blastingnews.com/brasil/2019/03/apos-ser-flagrada-na-cama-com-outro-homem-jovem-tem-80-do-corpo-queimado-002864255.html>

Acesso em: 20 mar.2019

A manchete foi veiculada no dia 07 de março de 2019, por Blasting News, um *site* de notícias independentes que conta com canais organizados por temas. Atuando na vertente do jornalismo social, esses canais reúnem não só notícias da Blasting News, mas também perfis oficiais nas redes sociais e editores especialistas. Essa definição, dada pelo *site*, indica que sua composição é construída coletivamente e os canais funcionam como comunidades nas quais os leitores podem acessar a notícia e depois debater sobre ela no espaço dos comentários, que inclusive são incentivados pelo próprio veículo midiático. Esses canais variam em seus temas, desde o tema “Polícia” que entrega notícias sobre crimes e segurança, até o tema “Famosos” que expõe notícias sobre pessoas com vida pública.

O enunciado em questão constrói uma narrativa, pois propõe uma polêmica através do vínculo da figura da mulher à infidelidade. Para produzir o efeito chamativo que atrai a atenção do leitor para uma tragédia, tece-se na manchete uma trama adúltera, com início e fim.

Ao utilizar a palavra “flagrada”, adjetivo que deriva do verbo flagrar e por definição no *Minidicionário livre da Língua Portuguesa* significa “surpreender alguém cometendo um delito” (SANTIAGO, 2011, p.332), a manchete gera o sentido de que Isabela estava realizando uma atividade proibida, a traição de seu namorado (ou companheiro, ou marido) com outro homem, e foi surpreendida em seu erro. Esse significado também se constrói pelo sintagma preposicional “na cama”, que situa a ação em um local que, nesse contexto, se relaciona com o ato sexual, e traz essa imagem para o imaginário do leitor, construindo assim o sentido de que houve infidelidade. A palavra “após” torna implícita uma sequência de fatos, ou seja, como resultado desse “flagrante”, há a informação de um segundo acontecimento que ocorreu em consequência do primeiro, se referindo ao corpo da vítima, que foi queimado. Entretanto, não há no enunciado quem ou o que ocasionou a queimadura, sendo a voz passiva um elemento que permite a centralização do acontecimento de uma suposta traição cometida pela vítima, já que a ação está sendo sofrida pelo sujeito da oração. O termo “outro homem” pressupõe a existência de um primeiro homem, ou até mesmo de vários homens, e assim colabora para a criação desse significado de infidelidade, como se esse “outro homem” fosse um amante desconhecido, embora ao recorrer ao texto da notícia, o leitor obtenha a informação de que esse “outro homem” na verdade é o cunhado da vítima.

O autor possuía essa informação desde o início e a oculta, o que permite que a manchete assumira um tom de polêmica, que conta a história de uma traição e não de um feminicídio.

Segundo Brait (2005, p.170):

O conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de universo de signos. E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio ideológico. Logo, todo signo é ideológico. (...) E seu lugar de constituição e de materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas.

Ao deslocar a manchete para o tema do adultério, é possível identificar o lugar valorativo que orienta o enunciado. Há um ponto de vista que aborda esse crime misógino a partir da perspectiva de espetacularização do fato, sem necessariamente anunciá-lo objetivamente. A manchete acaba por depositar sobre a vítima a culpa do crime que foi investido contra ela, pois a mulher é instaurada nesse discurso como “aquela que estava na cama com outro e foi queimada” o que reforça valores machistas existentes em nossa sociedade. Nesse enunciado, não há possibilidade de o crime ter sido motivado pela condição de mulher em uma situação vulnerável, ao contrário, os elementos verbais indicam uma motivação centrada em determinadas ações da mulher, como supostamente “estar na cama com outro”, que seria algo digno de punição segundo a concepção misógina¹.

Para compreender o que se entende por uma concepção misógina, é preciso elucidar como a função patriarcal age em nossa sociedade. Segundo Saffioti (2001):

No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência (p.115).

Sob essa perspectiva, o enunciado é orientado pela ideologia misógina que culpabiliza a mulher e justifica a violência por ela sofrida, já que esta é uma maneira de manutenção do poder patriarcal.

Assim, presume-se que a manchete dialoga com um destinatário que esteja em consonância com essa lógica, e também polemiza e alcança destinatários que discordem dela.

Ao anunciar o feminicídio, noticiando-o como uma tragédia ocasionada pela infidelidade da mulher, a figura dela é associada a valores ideológicos. A mulher aqui possui uma índole duvidosa, passível de questionamento sobre merecer ou não seu destino fatal, já que relacionada a esse implícito de infidelidade está a justificativa para seu crime, que teria então acontecido pela sua “má conduta”, isentando assim o executor do crime, o namorado, de qualquer responsabilidade.

¹ Misoginia é o sentimento de aversão às mulheres.

Para além disso, a manchete é seguida da reprodução de uma foto da vítima que foi extraída de suas redes sociais. Na imagem em questão, Isabella está maquiada e com uma blusa que contém um decote, o que nos leva a refletir sobre o que essa imagem pode significar em conjunto da manchete. Seria possível que ali estivesse sem nenhuma intenção, sabendo que todo enunciado parte de um lugar valorativo? Em nossa compreensão responsiva, entendemos que essa imagem, colocada a par da manchete, revela um projeto de dizer do autor, que indicia o valor ideológico presente no enunciado, em direção ao fortalecimento do discurso misógino.

De acordo com Grillo (2012, p.244):

Do ponto de vista do receptor, as imagens são lidas conjuntamente com os aspectos verbais (títulos, legendas, olho, etc), constituindo-se em um primeiro nível de leitura que pode não ser seguido pela leitura do texto integral. Com isso, os aspectos verbo-visuais da configuração de uma página de jornal, por exemplo, podem assumir uma autonomia relativa em relação ao restante da reportagem.

Considerando a recepção desse enunciado e compreendendo que a imagem ali publicada produz um sentido em conjunto com os aspectos verbais da manchete, esse seria mais um elemento que reforça os valores ideológicos associados à mulher, nesse texto.

A foto demonstra uma jovem maquiada e com a blusa decotada, produzindo assim um sentido que remete à mulher produzida para ir a algum lugar, que possivelmente se embriaga e se envolve com o “outro”, como dito na manchete. A embriaguez é citada aqui, pois aparece no subtítulo da manchete, localizado abaixo da imagem. Ao colocar a relação não consensual como suspeita e depois mencionar que a jovem estava “muito embriagada”, mais uma vez é possível inferir a intencionalidade discursiva presente no enunciado, que após não confirmar um abuso ocorrido, também afirma que o fato dessa suspeita se deve à embriaguez da jovem, abrindo assim precedentes para questionar a índole da mulher, e portanto o seu papel de vítima nesse crime. Todos esses sentidos produzidos pelos aspectos verbo-visuais aqui apresentados demonstram os valores ideológicos vinculados à mulher. Esses valores têm um teor negativo, como maneira de manutenção da ideologia patriarcal que através da violência, aqui verbal, manipula os fatos, colocando sobre a vítima o peso da culpa.

Nesse projeto discursivo, que dispõe de um breve espaço para chamar atenção de quem o lê, é possível depreender que há uma estratégia em causar engajamento através da polêmica que há neste embate ideológico, que acaba por atrair através do sentimento de indignação mídias digitais orientadas para a pauta feminista nas redes sociais, o que certamente foi um fator para a repercussão da notícia.

É preciso recordar que a plataforma onde está inserida a manchete, trabalha com jornalismo social, existindo assim uma dinâmica de publicações por quem queira fazer parte do *site*, gerando assim uma interação através dos canais tematizados. Como o site diz (BLASTING NEWS, 2019):

Participe ativamente da conversa. Fale com outras pessoas apaixonadas pelo mesmo tema que você. Queremos que você seja um membro ativo dos nossos Canais. Que participe da conversa, e não apenas leia o conteúdo publicado. Nos Canais, você vai poder discutir o tema que ama com uma comunidade engajada e que compartilha a mesma paixão, criando suas próprias conversas.

Não basta apenas ter leitores, e sim usuários, pessoas que gerem engajamento, que aumentem o alcance da notícia e que se comuniquem sobre ela. É evidente que essa não é uma lógica exclusiva desta mídia digital, e sim de qualquer *site* ou rede social movimentada por algoritmos de interação.

O que se evidenciou nos próximos dias, após a publicação da referida matéria, foram respostas a essa polêmica manchete, que surgiram em forma de publicações por mídias digitais independentes, que problematizam a lógica misógina e suas estratégias discursivas. Seguem abaixo as manchetes publicadas por Huffpost e Mídia Ninja.

Figura 2 - Manchete publicada no *site* Huffpost Brasil²

² O Huffpost Brasil deixou de publicar conteúdo no dia 24 de novembro de 2020 e desde esse período não é mais possível acessar seu *site*.



Fonte: Huffpost Brasil, 2019

Figura 3 - Manchete publicada no *site* Mídia Ninja



Fonte: <https://midianinja.org/news/por-que-ela-deu-carona-abriu-a-porta-pegou-um-taxi/>

Acesso em: 21 mar. 2019

No dia 10 de março de 2019, Huffpost publicou em seu site “Elaine, Jane, Calliane e Isabela: Por que precisamos falar de feminicídio” e no dia 11 de março de 2019, Mídia Ninja publicou, em seu *site*, um texto cuja manchete era: “Por que ela deu carona, abriu a porta, pegou um táxi? As novas desculpas para o feminicídio”.

A primeira manchete cita quatro casos que repercutiram nas redes sociais pelo teor de sua violência e a iminência de uma simbólica problemática de gênero, incluindo o de Isabela Miranda e Elaine Caparroz que tomamos por objeto aqui

Propondo um debate sobre o feminicídio e assim incitando a discussão desse tema, essa manchete nos coloca diante da importância de se falar sobre a violência de gênero. A segunda manchete traz um questionamento similar através da reprodução de perguntas comuns que repercutem em nossa sociedade quando o assunto é violência contra mulher.

Essas questões servem como um direcionamento para indicar que o problema do abuso sofrido é tratado como um inquérito para a vítima e não para o culpado. O enunciado ainda, completando seu sentido, categoriza essas perguntas como desculpas utilizadas para justificar o feminicídio.

Pressupõe-se que a publicação desses textos nesse momento sugeriram uma oposição ao discurso misógino que aparentava ganhar força naquele período. Assim, há uma iniciativa em enfrentar a falácia de que a mulher passa por uma situação de violência por sua culpa, como se a sociedade não fosse regida pela função patriarcal, que coloca mulheres nas mais diversas situações de vulnerabilidade.

Dando sequência à nossa análise, a segunda manchete que vamos expor, referente ao caso de Isabela Miranda, foi publicada no dia 08 de março de 2019 pelo *site* da revista Veja.

Como dito anteriormente, o acontecimento repercutiu em muitos espaços da mídia digital brasileira e as mídias mais tradicionais também publicaram sobre.

Figura 4 - Manchete sobre o caso de Isabela Miranda



Fonte: <https://veja.abril.com.br/brasil/jovem-de-19-anos-morre-apos-ser-queimada-pelo-namorado-em-sp/>

Acesso em: 20 mar.2019

Nesse enunciado, diferentemente do anterior, não há tentativa de construir uma narrativa depreciativa ou associar um viés ideológico que difame a figura da mulher. Portanto, o enunciado pode aparentar uma suposta neutralidade já que não utiliza uma palavra incisiva

como “assassinada” que pressupõe um assassino, estruturando assim a manchete na voz passiva.

Dessa forma, há a escolha de palavras, materializada no uso do verbo “morre”, minimizando a gravidade do fato anunciado. As palavras, como dito anteriormente, quando inseridas em um enunciado, fazem parte de um projeto de dizer de quem enuncia, e cabe a nós buscar compreender a palavra enquanto fenômeno ideológico e entender quais valores se fazem presentes com uma determinada escolha de palavras.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, P.34).

Assim, ainda que o enunciado aparente não possuir uma orientação ideológica evidente, nenhum discurso é neutro. Aqui, quem executou o crime não é omitido, mas situado em segundo plano, através da organização sintática, que não coloca o namorado como elemento mais evidente, que visualmente aparece em primeiro lugar na manchete. Cabe ressaltar ainda que logo abaixo da manchete há, mais uma vez, uma foto de Isabela, extraída de suas redes sociais, na qual ela está sorrindo. Diferente da manchete anterior, cujo enunciado verbal continha outros valores, aqui a imagem parece complementar o sentido de que Isabela era uma mulher jovem. Antes de falarmos de escolhas de palavras, podemos nos deter brevemente analisar a escolha de imagens. Nessa escolha, foi selecionada uma imagem de Isabela que não a mostra maquiada ou com decote, então, ainda que haja exposição de seus aspectos físicos, aqui ela aparece com outro intuito, só com foco na face. Intenções podem divergir, mas é certo que a imagem de toda forma é importante para a matéria jornalística, afinal a sociedade do espetáculo necessita de imagens para cristalizar suas visões de mundo (DEBORD, 1967).

Figura 5 - Imagem de Isabela Miranda abaixo da manchete



Fonte: <https://veja.abril.com.br/brasil/jovem-de-19-anos-morre-apos-ser-queimada-pelo-namorado-em-s>
p/Acesso em: 05/02/2020

Com a questão da imagem consolidada nesta manchete, voltamos para a escolha de palavras, uma noção importante que perpassa este trabalho, pois são essas escolhas que demonstram os valores refratados no discurso. Segundo Bakhtin/Volochínov (2006, p.45):

O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a luta de classes. [...] Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Conseqüentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 45)

Colocando a primeira manchete aqui exposta, publicada no site Blasting News, em comparação com esta, publicada na Veja, é possível analisar dois valores distintos. Em um enunciado, a mulher está associada ao adultério, implícito pelo uso das palavras “outro homem”, e outros aspectos verbo-visuais já mencionados, que pressupõem a existência de um

primeiro homem ou até mesmo de vários. Na segunda, a escolha pela palavra “namorado” já explicita o tipo de relacionamento existente entre as pessoas envolvidas na situação reportada. Nos subtítulos de cada publicação, na primeira, o abuso da jovem é uma suposição e não é exposto como abuso e sim como “relação não consensual”, havendo também uma menção, com ênfase, na embriaguez da mulher. Na segunda, o abuso sexual é colocado exatamente dessa forma, não abrindo precedentes para qualquer questionamento em relação à veracidade dos fatos.

É dessa forma que a escolha de palavras produz significados, demonstrando as avaliações axiológicas presentes no texto. Se por um lado, no primeiro enunciado a imagem da mulher é utilizada para manipular a percepção do acontecimento e colocar em dúvida o papel da mulher como vítima de feminicídio, por outro, no segundo enunciado há uma tentativa de tornar mais branda a situação, sem polemizar o ocorrido.

Segundo Miotello (2005, p.172):

[...] as menores, mais ínfimas e mais efêmeras mudanças sociais repercutem imediatamente na língua; os sujeitos inter-agentes inscrevem nas palavras, nos acentos apreciativos, nas entonações, na escala dos índices de valores, nos comportamentos éticos-sociais, as mudanças sociais.[...] as palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos, contraditórios entre si, pois frequentaram e se constituíram em todos os campos das relações e conflitos sociais.

A palavra, então, segundo essa concepção apresentada pelo autor, carrega em si a ideologia que representa o horizonte axiológico para o qual ela vai se orientar. De acordo com o interesse de quem enuncia e o contexto onde é utilizada, se formará um discurso original.

Pensando no local onde foram publicadas as manchetes e no contexto em que repercutiram, existem algumas considerações a serem feitas em relação à totalidade da situação. Como colocado aqui anteriormente, o canal de notícias *Blasting News* é uma mídia de organização independente que utiliza o conceito de jornalismo social, o que significa que pessoas amadoras podem fazer publicações naquela plataforma. Sob essa premissa, os conteúdos que movimentam o *site* não necessariamente precisam ser pensados de forma

responsável pela plataforma em si, pois quem o faz são os usuários, recaindo sobre eles o ônus de qualquer polêmica. É um espaço diferente da revista *Veja*, por exemplo, que surgiu em 1968 e possui uma tradição e outra lógica de publicação. Essa revista possui um público alvo, também polemiza, porém de maneira distinta, já que possui um equipe estruturada para trabalhar em novas publicações.

Dessa forma, vemos que a mídia digital na qual as manchetes foram publicadas possuem influência sobre o enunciado. Assim tentamos compreender as manchetes de acordo com seu contexto e recepção social, e nesse sentido, o conceito de arquitetônica, proposto também do Círculo de Bakhtin, fundamenta essa parte da análise, na qual seguimos buscando entender o enunciado em sua totalidade, sem isolá-lo da vida.

Para verificarmos melhor o que se entende por arquitetônica na teoria bakhtiniana, citamos artigo de duas comentadoras da obra:

A arquitetônica está relacionada à totalidade da situação, à construção e só pode ser dimensionada a partir do objeto interno (da materialidade) orientado para sua relação com o externo: para o autor-criador que se posiciona a partir de um lugar social, ideológico e axiológico, no processo de interação; para o lugar que o texto/enunciado ocupa no todo acabado como elo da cadeia de textos/enunciados; perpassado pelo contexto maior e pela situação imediata, concreta, de produção; que se corporifica em determinado gênero de discurso (com sua forma de composição), para abrigar as avaliações e assim por diante (MELO, R; ROJO, 2017 p.1280).

Para compreender esses enunciados, é necessário pensar, para além das palavras e seus acentos ideológicos, a sua exterioridade, tendo em vista a relação com a alteridade.

Dessa maneira, o conceito de arquitetônica contribui para esse trabalho, como uma maneira de expandir a análise, sem descartar a relação com o externo que as manchetes possuem. A manchete que vemos publicada no *site* *Blasting News* contém uma polêmica com viés ideológico misógino que fez emergir outros discursos que continham um teor de revolta e insatisfação em outras mídias digitais brasileiras. Isso porque o jornalismo social, realizado por qualquer indivíduo, possui uma abertura evidente, concedida pela própria plataforma, para que seja publicado o que o autor compreende como adequado. Em uma revista, conhecida nacionalmente como a *Veja*, tal abertura não existe e as publicações devem seguir uma produção condizente com o projeto da revista, sendo uma manchete mal elaborada ou

elaborada propositalmente para causar uma polêmica arriscada como essa, impensável para uma revista com tradição e reputação a zelar.

Isso não quer dizer que não haja polêmicas nesse espaço, mas que o projeto de dizer produzido por essa mídia tenha um conhecimento maior sobre quem são seus receptores e qual tipo de publicação ganhará a recepção almejada.

Assim, damos início à segunda análise.

2.2 Análise das manchetes sobre o caso de Elaine Caparroz

Para dar seguimento à análise neste trabalho, examinaremos agora as manchetes referentes ao caso de Elaine Caparroz, mulher que foi espancada em seu apartamento, por Vinícius Batista Serra, homem com o qual ela tinha marcado um encontro. A repercussão dessa notícia foi grande, pois Caparroz já era conhecida por ser uma empresária na área do paisagismo e a brutalidade por ela sofrida causou impacto, entretanto apesar dos ferimentos graves, Elaine Caparroz sobreviveu à tentativa de feminicídio. Como dito anteriormente, naquele período, início de 2019, estavam acontecendo muitos casos de feminicídio no Brasil (MAIS..., 2019) o que também auxiliou a tornar a projeção desse caso maior.

Atualmente, a conta de Elaine Caparroz no Instagram possui quase 45 mil seguidores e nessa rede social ela se dedica a publicar majoritariamente conteúdo ativista de enfrentamento à violência doméstica.

A primeira manchete que analisamos foi publicada na Folha de São Paulo, no dia 18 de fevereiro de 2019.

Figura 6 - Manchete sobre o caso de Elaine Caparroz

Mulher fica desfigurada após apanhar de homem que conheceu na web

Empresária foi espancada em seu apartamento na Barra da
Tijuca, no Rio

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/mulher-fica-desfigurada-apos-apanhar-de-homem-que-conheceu-na-web.shtml?fbclid=IwAR1NP78A10JdvOtmMoQRDsWyvtYGaUj3OhpfumKPZ0JLNMtS6eJrMrVkMtQt>

Acesso em: 19 mar. 2019

Esse enunciado, para notificar o acontecimento, faz primeiro uma menção direta à aparência da mulher com a palavra “desfigurada”. A manchete poderia ter cumprido sua função de noticiar o fato, sem mencionar o estado estético da vítima, o que coloca em nosso horizonte, mais uma vez, a escolha de palavras, os sentidos que produzem e os valores que se refratam nesse enunciado. Como a mulher, nessa manchete, é a vítima de uma violência, há de se refletir sobre o porquê de algo relacionado à aparência aparece, principalmente quando sabemos a relação que os valores estéticos estabelecem com a mulher na sociedade. Para melhor entendermos essa relação,

A qualidade chamada "beleza" existe de forma objetiva e universal. As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação esta necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. (WOLF, 1992, p.14,15)

Assim, entende-se segundo essa concepção que a beleza em nossa sociedade é uma obrigação feminina, e esse enunciado, ao trazer a imagem da vítima, reforça esse valor, pois até sendo vítima de violência a imagem da mulher não é dispensada, sendo um elemento presente em sua própria agressão. Além disso, ainda que o foco do trabalho seja a manchete, é possível observar como uma contribuição para nossa análise a presença de uma imagem de Elaine no corpo do texto. Na imagem, que foi retirada da rede social de Elaine, ela está maquiada e com o cabelo escovado e esse aspecto visual, em conjunto com o que já foi mencionado, salienta a aparência da mulher como uma qualidade de exposição requisitada na notícia, reafirmando que a beleza deve ser incorporada pela mulher e não pode por conta de uma agressão, deixando-a como uma devedora, já que sua face está agora desfigurada. Para além disso, é possível analisar que a palavra “desfigurada” também cumpre o papel de

dimensionar a brutalidade ocorrida, demonstrando assim que o acontecimento foi excessivamente violento. Assim, em um movimento ambivalente, a violência é instrumentalizada para comover e chamar atenção para o ato praticado contra a mulher e ao mesmo tempo para remeter à imagem física de Elaine, reforçando valores ideológicos que remetem à tradição machista no trato do corpo da mulher.

Na sequência, temos o enunciado “homem que conheceu na web” o que sugere um homem desconhecido e aleatório, entretanto, ao recorrer ao texto da notícia há a informação de que Elaine conversava com esse homem há 8 meses, não sendo assim um completo desconhecido.

Esse implícito gera um valor, pois abre precedentes para colocar a mulher como cúmplice de sua agressão, já que foi ela que optou por uma escolha supostamente equivocada, a de chamar um homem desconhecido, “da web”, para seu apartamento. A própria palavra “web”, que como a definição segundo *O minidicionário de língua portuguesa* indica, é uma “rede mundial de computadores, a internet, descentralizada e pública, que consiste num sistema de acesso a informações na forma de hipertexto, com links entre documentos e outros objetos distribuídos em diversos pontos da rede.” (SANTIAGO, 2011, p.715).

Assim, evidencia-se a generalização do espaço virtual na manchete, pois não situa esse encontro em uma rede social específica, dentre tantas existentes e voltadas para relacionamento, optando assim por utilizar um termo que remete a algo amplo, indeterminado, o que reafirma a noção de que essa mulher pode ter se encontrado com qualquer homem em qualquer lugar da Internet. Geralmente, quando se fala em conversar com alguém em uma rede social, dificilmente iremos nos deparar com alguém que diga “estava conversando com ele na web”, sendo mais comum dizer “estava conversando com ele no WhatsApp” o que nos indica que o uso da palavra “web” nesse contexto pode ter servido para não expor detalhes da história ao público, mas também pode ter servido para alimentar o sentido de que a “web” é um lugar extenso e nele pode haver pessoas mal intencionadas.

Isso é levantado aqui principalmente por entender que ao analisarmos um discurso referente à violência contra mulher temos que nos atentar para as problemáticas próprias da ordem patriarcal que regem nossa sociedade. Para essa ordem, a mulher deve estar dominada, e para essa dominação se manter, a violência é utilizada. Há, ainda, o pensamento de que a

mulher permanece nessa situação por ser cúmplice, e compreendendo esses pontos que constituem o *modus operandi* do patriarcado, lemos essa manchete entendendo que em algum nível há a tentativa de implantar a narrativa de que a mulher foi vítima de violência por estar na “web” e ali conhecer um homem.

Segundo Saffioti (2001, p.126):

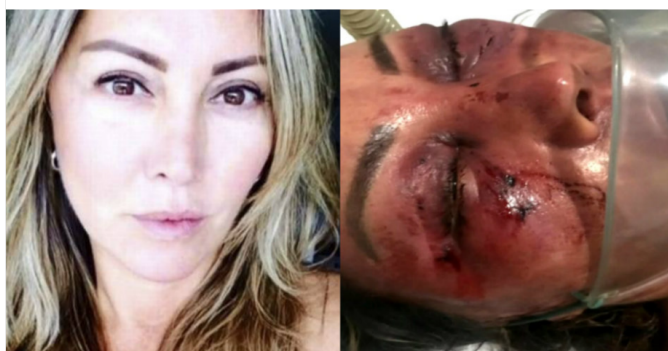
Se as mulheres sempre se opuseram à ordem patriarcal de gênero; se o caráter primordial do gênero molda subjetividades; se o gênero se situa aquém da consciência; se as mulheres desfrutam de parcelas irrisórias de poder face às detidas pelos homens; se as mulheres são portadoras de uma consciência de dominadas; torna-se difícil, senão impossível, pensar estas criaturas como cúmplices de seus agressores.

Dessa forma, compreendendo que a mulher não se situa em um lugar de cooperação com sua violência, mas ainda assim é colocada dessa forma, dentro desses e dos outros enunciados analisados, confirma-se a orientação ideológica de violência contra mulheres, violência essa que como dito anteriormente tem papel fundamental na continuidade da dominação-exploração patriarcal.

A segunda manchete, que se reporta ao mesmo acontecimento da anterior, também foi publicada no dia 18 de fevereiro de 2019 pela revista Istoé.

Figura 7 - Manchete sobre o caso de Elaine Caparroz

**Empresária é espancada por quatro horas
no primeiro encontro com rapaz**



Fonte: <https://istoe.com.br/empresaria-e-espancada-por-quatro-horas-no-primeiro-encontrocom-rapaz/> Acesso em: 20 mar. 2019

Nessa manchete, Elaine é colocada como empresária, aparecendo no discurso a classe e o *status* socioeconômico. Em seguida, é fornecida a informação de sua agressão, com detalhes que mencionam a duração do acontecimento e também que esse foi o primeiro encontro de Elaine com o rapaz.

A expressão “primeiro encontro” mobiliza valores semelhantes ao da manchete anteriormente analisada, pois evidencia que esse foi o primeiro encontro. A menção à brutalidade do ocorrido, com a expressão “quatro horas” expostas na manchete lida em conjunto com a imagem que está disposta logo abaixo do título da notícia, também gera significados.

Esse aspecto verbo-visual, que expõe a dimensão da brutalidade do crime através da citação do tempo que durou a violência, juntamente com uma imagem que mostra os ferimentos faciais de Elaine, que estão em comparação com sua face em estado normal, geram uma exposição excessiva da imagem da vítima, que confirmam os valores misóginos refratados no título.

Novamente, a beleza como característica e a expectativa de que essa característica seja inerente ao feminino é posta no enunciado visual, que mostra a imagem de uma mulher maquiada e arrumada, para em um segundo momento demonstrar seus ferimentos faciais.

Dessa vez, diferentemente da manchete anterior, a desfiguração não aparece no enunciado verbal mas acontece no visual, ainda que carregando valores ideológicos semelhantes. A mulher, ainda que em situação vulnerável, tem sua imagem colocada como algo central, o que também reitera a ideia da espetacularização do crime. Além disso, a centralização na imagem de Elaine também gera o efeito de comoção, o que nos leva a analisar o movimento ambivalente que constitui tanto este como o enunciado anterior, que utiliza a figura da mulher para vitimizá-la através da exposição de sua imagem e a partir disso comover o leitor, sem perder de vista outras informações como o *status* socioeconômico e a imagem que acompanha a manchete e possui dois momentos: a mulher bela, e posteriormente, a mulher desfigurada, alvo de pena. Esses elementos contemplam a ordem patriarcal, pois nesse enunciado cabe à mulher somente a submissão por ocupar o lugar de vítima que coopera com sua violência e que está com sua imagem mais frágil exposta.

Continuando com a análise, ao nos depararmos com a escolha da palavra “rapaz” entendemos que essa seleção lexical carrega um valor ideológico dentro do enunciado.

Segundo Santiago (2011), a palavra rapaz significa “homem jovem ou adolescente” (p, 582) o que indica que mesmo Vinícius possuindo 27 anos na época que cometeu o crime, no título da notícia ele é informado como alguém jovem ou até mesmo adolescente. Assim, enquanto a mulher é colocada como empresária, ou seja, possui uma carreira estruturada, algo geralmente conquistado com experiência avançada, o homem é caracterizado no discurso como alguém jovem, abrindo para especulações sobre uma mulher mais velha se relacionando com um homem mais jovem e também abrindo precedentes para questionar a culpa do homem, já que a juventude é um valor que pode ser associado com inconsequência em nossa sociedade, e portanto, seguindo nessa lógica, esse homem, tão jovem, não poderia ser responsabilizado, recaindo assim a culpa sobre a mulher, empresária, experiente.

Segundo Naomi Wolf (1992), a idade avançada para a mulher é algo avaliado como negativo sob a perspectiva patriarcal, pois o envelhecimento, além de modificar a aparência da mulher, significa poder e conhecimento, algo que incomoda o patriarcado, que prefere meninas jovens, ingênuas e manipuláveis. Nesse sentido, sendo Caparroz uma mulher de 55 anos, vemos que o envelhecimento lhe é atribuído, pois ocupa o cargo de empresária, o que como dito anteriormente pode estar relacionado a mulheres adultas.

O envelhecimento na mulher é "feio" porque as mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas. (WOLF, 1992, p.17)

Sob essa perspectiva, a mulher mais velha é temida pelos seus saberes, e a contraposição “empresária” e “jovem” desencadeia esses sentidos. De um lado, um jovem possivelmente inconsequente e do outro, uma empresária vivida, supostamente irresponsável por se envolver com alguém mais jovem, algo que também é estigmatizado na sociedade.

Dessa maneira, podemos reiterar, que inserido nesses sentidos, há o implícito da conivência da mulher com sua violência, já que se salienta o estigma do envolvimento de pessoas de idades discrepantes em uma relação e ainda reforça o fato do envelhecimento da

mulher, o que em tese a faz sábia o suficiente para evitar certas situações, e se ela não o faz, acaba por lidar com algo ruim, no caso a violência.

Em relação ao local onde foram publicadas as duas manchetes, nota-se que a Istoé, por ser uma revista, utilizou da imagem de maneira diferente da Folha de São Paulo.

Ambas mídias existem há décadas, a Folha de São Paulo surgiu em 1921 e a Istoé em 1976. Em relação a seus posicionamentos, sabe-se que a princípio foram porta voz da redemocratização do país, mas atualmente não necessariamente se mostram progressistas. Ao contrário, em 2016, quando ocorria o Impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, a capa da Istoé se utilizou de machismo e misoginia para descaracterizar a imagem de Dilma.

Figura 8 - Capa da Istoé



Fonte: https://istoe.com.br/edicao/894_AS+EXPLOSOES+NERVOSAS+DA+PRESIDENTE/. Acesso em 07 Jul. 2019.

Longe de querer realizar uma análise discursiva e semiótica dessa capa, pois já existem trabalhos que o fizeram, podemos somente dizer que a repercussão e indignação relacionada a essa publicação foram grandes, e nos revelam um problema anterior da revista em lidar com a imagem da mulher.

CONCLUSÃO

Neste trabalho foram analisadas quatro manchetes e cada uma delas foram publicadas em mídias digitais distintas. Optar por uma diversidade de veículos midiáticos proporcionou um olhar sobre cada projeto de dizer e cotejá-los entre si fez emergir reflexões acerca dos acentos ideológicos de cada mídia digital.

Através da análise, foi possível compreender que todos os enunciados tinham valores ideológicos misóginos, que buscaram através da escolha de palavras centralizar na vítima a razão do crime. Cada palavra é uma arena, como diz a metáfora de *Marxismo e a filosofia da linguagem*, que será atravessada pelos interesses de quem a utiliza, e esses interesses, ou seja, as acentuações ideológicas que se manifestam no discurso, foram o alvo deste trabalho, que conseguiu por essa conceituação compreender como cada projeto de dizer configurou valores relacionados à mulher.

Ademais, foi possível constatar que a mulher tem sua imagem exposta nesses contextos, mesmo que, por estar em uma situação de violência e vulnerabilidade, deveria ter sua figura resguardada.

Se a exposição já é por si só antiética, dada a gravidade do momento, surgiu um questionamento durante a pesquisa que era sobre qual a motivação desta exposição. Além da espetacularização do ocorrido, e compreendendo a imagem como um enunciado visual adjunto do enunciado verbal, pudemos constatar que a imagem estava ali para reafirmar certos valores ideológicos sobre a mulher. A imagem, então, servia para sensibilizar o público, ao mesmo tempo que as fotos escolhidas também nos indicavam uma intenção de fazer emergir outros valores, como a mulher jovem que se embriaga e possivelmente “perde o controle” ou mulher adulta que mesmo obtendo o status social de empresária passou por uma terrível agressão por falta de cautela.

REFERÊNCIAS

APÓS ser flagrada na cama com outro homem, jovem tem 80% do corpo queimado. Blasting News. 2019. Disponível em: <https://br.blastingnews.com/brasil/2019/03/apos-ser-flagrada-na-cama-com-outro-homem-jo-vem-tem-80-do-corpo-queimado-002864255.html>>. Acesso em: 20 mar.2019

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12a Edição – 2006 - HUCITEC. São Paulo.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal** [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2º cd. — São Paulo Martins Fontes, 1997.— (Coleção Ensino Superior)

BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005

BRAIT, B. (org) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010

BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual/ The word manioc from verbal do verbal-visual language. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v.1,n.1, p.142-160. 1º sem. 2009

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2008.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo e outros textos**. Livros da revolução, 1967. Disponível em: <http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/autores/Debord,%20Guy/A%20Sociedade%20do%20Espectaculo%20-%20Guy%20Debord.pdf>>. Acesso em: 05/02/2021

DESAFIO é tornar lei conhecida, diz blogueira que inspirou legislação sobre misoginia na internet. Agência Câmara de Notícias. O Globo. 2018. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/ministro-do-tse-defende-liberdade-de-expressao-para-divulgacao-de-memes-23166326>> Acesso em: 20 out. 2020

EMPRESÁRIA é espancada por quatro horas no primeiro encontro com rapaz. Istoé. 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/empresaria-e-espancada-por-quatro-horas-no-primeiro-encontro-com-ra-paz/>>. Acesso em: 20 mar .2019

GERALDI, W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. IN: **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe - UFSCar. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

GRILLO, S. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filologia e Linguística Portuguesa**., n. 14(2), p.235-246, 2012.

LE MOS; B. Mulher fica desfigurada após apanhar de homem que conheceu na Web. **Folha de São Paulo**. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/mulher-fica-desfigurada-apos-apanhar-de-homem-que-conheceu-na-web.shtml?fbclid=IwAR1NP78A10JdvOtmMoQRDsWyvtYGaUj3OhpfumKPZ0JLNMtS6eJrMrVkMtQ>>. Acesso em: 19 mar.2019

MAIS de 100 casos de feminicídio são registrados em 2019, diz estudo. Metrôpoles. 2019. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/violencia-contr-a-mulher/mais-de-100-casos-de-feminicidio-s-ao-registrados-em-2019-diz-estudo>>. Acesso em: 20 mar. 2019

MIOTELLO, V. Ideologia. IN: **Conceitos-chave**. BRAIT, Beth.(org). São Paulo: Contexto, 2005

MORRE jovem de 19 anos queimada pelo namorado em SP. Veja. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/jovem-de-19-anos-morre-apos-ser-queimada-pelo-namorado-em-sp/>>. Acesso em 20 mar.2019

NEVES, J. Pesquisa qualitativa - Características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, V.1, N°3, 2º sem. 1996

PERNISA, C. Mídia digital. **Lumina** - Juiz de Fora - Facom/UFJF - v.4, n.2, p. 175-186, jul./dez. 2001 v. 5, n. 1, jan./jun. 2002 ISSN 1516-0785 –Disponível em: <<https://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R8-Junito-HP.pdf>>

POR QUE ela deu carona, abriu a porta, pegou o táxi? As novas desculpas para o feminicídio. Mídia ninja. 2019. Disponível em: <<https://midianinja.org/news/por-que-ela-deu-carona-abriu-a-porta-pegou-um-taxi/>>. Acesso em: 21 mar.19

REVISTA ISTOÉ. Editora três. Edição 2417.06 de abril de 2016.

RIBAS, B. O contexto digital e os gêneros jornalísticos: considerações sobre a retórica da narrativa na Web. **IV SBPJOR**. Rio Grande do Sul. 2006.

ROJO, R; MELO, R. Letramentos contemporâneos e a arquitetônica Bakhtiniana. **DELTA**, São Paulo , v. 33, n. 4, p. 1271-1289, dez. 2017 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502017000401271&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 04 fev. 2020.

SAFFIOTI, H. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso>. acesso em 14 Mai. 2020.

SANTIAGO, M. **Minidicionário livre da língua portuguesa**. / Manoel M. Santiago-Almeida. — São Paulo: Hedra, 2011.

WASELFISZ, J. **Mapa da violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. Flacso Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em: 10 fev.2020

WOLF, N. **O mito da beleza como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres** (Tradução de Waldéa Barcellos). Rio de Janeiro. Rocco. 1992.